

LEI INIQUA

Proseguindo na tarefa que me impus de combater o projeto de lei 317 da Câmara dos Deputados, tenho necessidade de prevenir-me contra qualquer má interpretação que se possa dar aos meus intentos. Através das minhas palavras. Como não francamente inimigo do Estado, nem por sombras quero que estes artigos sejam tomados no sentido de peço ao Estado, mas de que não se torne lei o regulativo proposto.

Discuto o projeto não por saliente a falta de critério que preside à elaboração das leis do Parlamento desta miserável República, por maiores que sejam os desastros dos nossos governantes, mas a superioridade do direito e da moralidade em relação à lei. Embora tenha o seu caminho obstruído pelas barreiras dos interesses contrários, a verdade é que há de vir a vencer todos os obstáculos e atingir seu fim: por isso não pactuo com transigências inúteis, quanto mais a lei, não deixo de rejeitar a proposta, porque só vejo no direito, uma sentença organizada pelo acordo tácito da razão egotista e da força vencedora.

Mas tratando-se de um caso de cor multi-simil local, julgo oportuno dizer algo a respeito. No meio das inúmeras provas que me tem dado a Câmara, da sua falta de orientação política, da leveza de ânimo com que vota as suas leis, da lucubração dos seus membros, esta foi a que menos me surpreendeu, mas profunda impressão de piedade deixou no meu espírito pelos infelizes que o deploável demonstração fêzera de si próprios, aterrorizando-se com um fantasma; porque, além disso e dum pronunciado gosto pela iniquidade, não ligou os indivíduos inferiores, outra justificativa não me descobri. Mesmo uma imposição do presidente Rodrigues Alves, não provou, para a sua tradicional falta de iniciativa.

Entretanto, deixando de parte estas considerações, passo a demonstrar que a lei 317 A, a despeito de ser aprovada por toda uma multidão de legisladores, que se julgam por entre curvaturas servis e rasgas de eloquência, é um aborto até em face do próprio direito.

Citão vejamos: O parágrafo 1º do artigo 3º assim dispõe: «Causa bastante para a expulsão, a reincidência em crime ou delito previsto em lei federal, depois de cumprida a sentença».

Ora, eu este parágrafo é inepto, e a causa mais que se diversifica a causa da expulsão. Os legisladores mostram uma tão crassa ignorância do direito, que se não fora escudado pelas incoerências da linguagem, não se poderia mandar encerrar num manicomio, talvez desta maneira a psiquiatria chegasse ao conhecimento da forma nova de loucura. Essas tipos, provavelmente vítimas de mania legislativa. Pois só assim se explica a sua pretensão de regular matéria sobre a qual mostram tanta desconfiança.

A pena de expulsão depois de cumprida a sentença? Que concepção genial a destes odentolozos!

O direito, pouco importa que ele se oponha a isso; pouco importa que o próprio código penal da república diga taxativamente que ninguém poderá ser punido duas vezes pelo mesmo crime.

Quanto ao direito das gentes, que não deve ser esquecido na espécie, é bom nem falar nele.

Mas ainda há coisas mais interessantes que isso. Refiro-me a diferença nebulosa que ali se faz entre crime e delito. Diz-se que o legislador tem um critério novo para julgar as ações humanas. Naturalmente capitalizará em crime tudo quanto for de encontro aos interesses do Estado. Mas em delito, quando o ofensor sou interesse particular; ou, quem sabe, talvez seja criminoso todo aquele que não tem a prudência de ser partidário da sua torpe política.

Sinto não deixar de muito tempo a perder, além de levar mais longe a análise do parágrafo citado. E então pergunto: se não vemos a vida através das concepções libertárias, nenhum valor tem o direito, que é o instrumento de tortura das tiranias constitucionais, absovito a Câmara da sua ignorância e da sua servilidade covarde, para acusar a sua infâmia perante o tribunal supremo da consciência humana.

Mais poderemos que os governos, e o espírito de solidariedade universal que mais uma vez tem arrancado as vítimas indefesas do banditismo oficial, às garras dos seus algozes.

Paralipso da Fonseca.

O CRISTIANISMO

... Que estranho erro escolher como legislador social Jesus que vivia no meio de uma sociedade diversa, em outra terra e em outro tempo! E se não se tivesse entendido guardar de sua moral, de seu ensino, sinão o que pudessem ter de humano e de eterno, que perigo ainda na aplicação de preceitos imutáveis a sociedades de todos os tempos. No há sociedade que pudesse viver sob a aplicação restrita do Evangelho. Jesus é destruidor de toda ordem, de todo trabalho, de toda vida. Ele negou a mulher e a terra, a eterna natureza, a eterna fecundidade das coisas e dos seres. Depois o catolicismo vem levantar sobre ele um medonho edifício de terror e de opressão. O pecado original é a herança terrível a cair sobre toda a criação, e que não admite, como a ciência, os corretivos da educação, das circunstâncias e do meio. Não há concepção mais pessimista do homem, assim entregue ao diabo desde seu nascimento, preso de uma luta contra si próprio até a morte. Luta impavida, absurda, pois, é o indivíduo humano que se trata de mudar, matar a carne, matar a razão, destruir em cada paizão uma energia culposa, perseguir o diabo até o fundo das águas, dos montes e das florestas, para o aniquilar com a

seiva do mundo. Desde então, a terra não é mais do que um pecado, um inferno de tentações e sofrimentos, que se atravessa para merecer o céu. Admirável instrumento de polícia, de depósitos absolutos, religião da morte que só a ideia de caridade pôde fazer tolerar, mas que a necessidade de justiça eliminará forçosamente. O pobre, o miserável enganado, que não creia mais no paraíso, quer que os meritos de cada um sejam recompensados nestes mundos; e a vida eterna se torna a boa deusa, o desejo e o trabalho são a mesma lei do mundo, a mulher fecunda readquire o seu lugar, o imbecil pesadelo do inferno dá lugar a gloriosa natureza sempre em gestação... Eis ali 1800 annos que o cristianismo entrava a marcha da humanidade para a verdade e a justiça. Ela não retomará sua evolução sinão quando a tiver abolido...

Emile Zola.

O ESPIRITO

(Fragmento dum ensaio sobre Max Stirner)

8.—Max Stirner é anticristão e antideísta. O homem moderno, segundo ele, é ainda um produto do erro e da superstição. A vida que ele viveu, o ciclo de desenvolvimento em que ele se tem movido, não representa atagoras nenhum progresso positivo: como há oito ou dez mil annos, ele é ainda um ruminador de crenças: crente em espíritos, crente em deuses, crente em teorias filosóficas, em princípios morais. Ora—princípio e ideias não passam de puras convenções mais ou menos sutis, de verdadeiros fantasmas, como deuses e espíritos. Tudo isso só tem existência no cérebro animal e como fenómeno próprio e espontâneo de seu órgão. E a esse fenómeno que se tem chamado de espírito.

Que é o espírito? Simplemente é o primeiro aspecto sob que se revela, se nos revela a nós mesmos, o mundo exterior; o primeiro nome que damos à desinvenção de tudo que em nós é ou antes nos parece misterioso. O espírito é o creador do mundo espiritual, que passou em seguida a viver fora de nós. É fácil reconhecer a sua presença em ti ou em mim desde que se chegue a constatar que qualquer de nós foi até se apropriar de alguma coisa de espiritual—quer dizer—o pensamento, por exemplo. Pouco importa que o fenómeno tenha sido sugerido: confeteito no-o foi durante a longa infância e mediante processos que seria ocioso estudar. Quando a consciência em nós começou a substituir o instinto, já todos estavam avasallados, e o tal modo que é quasi impossível reconhecer o avasallamento, quanto mais abolido...

O mundo espiritual é, pois, vastíssimo, imenso e profundo e insondável como o mar. O puro espírito deve ser reconhecido a cada instante, onde se acha tal mundo, não dentro mesmo do espírito? Ele tem de manifestar-se: as palavras que ele pronuncia, as revelações pelas quais ele se descobre—eis ali o mundo, toda a criação que ele é o próprio creador. Do mesmo modo que o extravagante não vive e não possui o seu mundo sinão nas figuras fantásticas criadas pela sua imaginação; do mesmo modo que o criador engendra o mundo, o tal mundo de sonhos sem o qual ele deixaria de ser louco—assim também o espírito deve criar seu mundo de fantasmas, e enquanto não o cria, não é espírito...

Não o reconhecemos por suas obras, as suas filhas do espírito, não são outras coisas mais do que espíritos—isto é—fantasmas. Tu zelo te excita contra tudo o que não é espírito; também te insurges contra ti mesmo... que não és senão livre dum resto não espiritualizado. Daí todo o mundo que veiu. Ali todo o fundamento da construção que se fez. Em lugar de dizer: «eu sou mais do que Espíritos», tu dizes muito contrito: «eu sou menos do que Espíritos».

O Espírito, o puro Espírito, eu apenas posso concebê-lo, mas eu não o sou e uma vez que eu não o sou, é que eu outro o é, e a este outro é que eu chamo deus. O puro espírito deve ser necessariamente em ente acima de mim, pois, eu não o sou, e ele só pôde existir fora de mim; e desde que nenhum homem realize integralmente a noção de Espírito, é claro que o Espírito puro, o Espírito em si não pôde estar sinão fora dos homens, para além do mundo concreto e humano, não terrestre, mas celeste. Daqui em diante, nada é mais extranhável entre os grandes absurdos de que se faz toda a psicologia humana. O homem moderno não deixou, como o homem de ha seis mil annos, de ser espiritual: os seus pensamentos, as suas ideias, os seus princípios, as suas crenças, são a assencia da sua vida moral.

Max Stirner combate, pois, estes princípios e estas ideias, que são os mesmos fantasmas da velha todiçica que a metafísica disfarçadamente erige em *espírito em si*, causa primeira, finalidade ultima, substancia, unidade, bem em si, verdade, liberdade, justiça, direito etc. Tais princípios, ideias, crenças, etc, fazem hoje o papel das existências misteriosas outrora criadas pela imaginação do médium. E tudo é, no entanto, o que rege no mundo a ordem moral; e portanto, toda a existência humana. Os fantasmas vieram a tomar forma, quasi a concretar-se e a exercer no tempo um domínio

absoluto: eles se chamam agora—deus, direito, verdade, etc, como hontem se chamavam... Por toda parte, por todos os cantos encontramos esses fantasmas. Sob o influxo d'elles, torturados por elles, nós os agitados desesperadamente numa dança máscara de inferno. Aos olhos dum espectador livre de obsessões, o mundo parece uma verdadeira casa de doidos...

Compreende-se que o homem é uma vítima incoerente de si mesmo. Para que ele se resgate, é necessário abolir a escravidão—quer dizer—eliminar os fantasmas para poder entrar na posse completa de si mesmo. Desde o momento em que destruímos os fantasmas, sentimos que fica ereto e só no meio do vazio e da inexistência o nosso EU. De todas as ilusões nada fica: e nós passamos a viver da unica realidade subjetiva que reconhecemos, ao lado da realidade objectiva do universo.

E tanto que compreendemos a harmonia em que nos achamos com a vida universal e sentimos que, do mesmo modo que o universo o movimento, a forma, o modo de ser são determinados por leis imutáveis que se explicam pela própria natureza dos fenómenos regulados, de igual modo sentimos que em nós não há sinão fenómenos necessários—sensibilidade, intelligencia, instintos, vontade, etc.

Elysis de Carvalho.

(Do livro SER COM VIOLENCIA)

O diabo representa o trabalho. Sim, representa o trabalho, mas de quem? Na sociedade actual, é muito raro o diabo seja produto do trabalho de quem o possui; representa quasi sempre o trabalho passado em presença de outros homens, de verdadeiros trabalhadores; representa o trabalho obrigatório dos operários que se lhes impõe pela violencia.

Tolstoi.

REVOLUCIONARISMO

O revolucionarismo não consiste, como parece crerem alguns, e propaga a preocupação burguesa, em carregar o cenho, lançar olhares iracundos, ranger os dentes, cerrar os punhos e proferir frases bombásticas mescladas com interjeições mais ou menos grosseiras.

Não há dúvida que o revolucionarismo, e dos bons, que são assim, como indifferentes que também usam dessas exterioridades por coisas insulas e sem importancia alguma; porém isso é uma simples questão de temperamento ou de educação com que se idéias de verdade. Até occorre não poucas vezes que os que denotam de modo tão visível sua exuberancia em tempo de calma, dando redea aos seus nervos, afloam no preciso momento em que se engerga tem o tal momento e precisa applicação.

Si bastasse gritar forte para obter direito de revolucionarismo, Kropotkin, Reclus, Domela Nieuwenhuis e Salvendy teriam má nota, se posso que andam por si exaltadissimos!

Bem considerado o assunto, e bem a que o considero, principalmente por parte do trabalhador revolucionario, a ideia surge de por caminhos positivamente certos e não por illusórios e falsos atalhos, o revolucionarismo consiste na firmeza de ideias, na logica dos juizos, na audacia das concepções; porque com esse momento se refutam as sociedades de não como palavras rivais, reflexo da impotencia, e da incapacidade, quando não do fingimento.

Pela mesma razão, a revolução não se dá a conção de barricadas, nem de emprego dos revólvers, dos fuzis, dos canhões, das bombas que explodem nas ruas e pragas cobertas de cadáveres, do incenso destruir e apavorante: isso é o acidente, o accessorio ou, si quizerem, a decoração, o aspecto teatral da revolução, não a revolução mesma, que antes de triunfar por esses meios da injusta legalizada ha de ter triunfado na conciencia daquelas minorias pensantes e altruistas que impulsionam o mundo, aplaunando os obstáculos, pela estrada boa e verdadeira.

Si bem, como vimos admitindo, ha bons revolucionarios de aspecto transcendente e outros exaltados, o que distingue o revolucionario do energumeno é a concepção de um novo ideal.

A revolução consiste na implantação de todo um mundo de feitos e ideias em substituição de outro engodado e morto; na realização das teorias e das soluções suscitadas e discutidas durante um período anterior.

A revolução moral se faz nos cérebros; a revolução social se opera nos direitos: é destruidora, porém destruindo edificadora. Por isso, a força, a governante das sociedades, segundo a frase de Karl Marx, é sua auxiliair indispensavel. A nivelção legalitaria, a abolição dos privilégios e a desapropriação da propriedade social, usurpada e detida pelos proprietarios, só pôde obter-se pela força.

Acertando que o teorico não deve desdenhar a parte pratica, ao abnegado que se oferece ao sacrificio, às perigosas investigações, ao odio dos policiaes, à pontaria das mousers e vai cerosamente dentro Bastilha; um pouco heroico todavê, e sua propria generosidade o impede, censurar o ideólogo.

Fiquemos, pois, em que a arrogancia do energumeno pode ser a manifestação de um temperamento, um método suggestivo de proselitismo e até uma affectação.

uma postura academica; jamais uma condição essencial de revolucionarismo.

O revolucionario perfeito, o ideal seria aquelle que, homem de pensamento e de acção ás vezes, em posse do mais alto grau de ambas energias, nem se rendesse ante a fadiga do estudo, nem retrocedesse ante as tempestades da luta.

Carlos Malato.

A sacristia, a bolsa e a caceira são tres outros associados para vomitar sobre as nações a noite, a miséria e a morte.

Bianqui.

ESPIRITISMO E OCULTISMO

Entre os flagelos modernamente descindados sobre a pobre humanidade labutante, o espiritismo conquistou inevitavelmente o primeiro logar. E' elle que se deve o reaparecimento subito, quasi por encanto, de quantas crenças, superstições e maliquieiras a razão e o bom senso ha muito haviam condenado ao olvido e ao desaparecimento completo. E' ainda a este aborto evanguélico que cabe a primazia na futura desse exercito caótico, máscara, de epiléticos, histéricos, lunáticos, visionarios, nevroptas de toda especie, que se reuniu aqui, na Terra, como que em sabbat final, para festejar as ultimas contorções do cristianismo.

E' então em um povo proverbialmente ignorante e supersticioso como é o grosso da população carioca, essas funambulicas amalgamas espiritas não podiam deixar de cair como a sapa no mel. Nas pantagruelicas doutrinas e praticas que a nova religião erigia como a mais cristã manifestação do Rabbi Judeu, viu desde logo esse desgraçado povo, ha tantos annos escarnecidos pelos discipulos de Jesus—confirmadas todas as cataphorsas da sua primeira infancia: bruxas, feiticos, milagres, mistérios, doendes, almas penadas, fantasmas e o diabo a quatroze com que as avós nos começaram a corromper o cerebro infantil; todas essas absurdas noções que, amparado pela razão, o povo se inclinava a abandonar, lhe appareceram, com o Espiritismo, como sendo a propria vontade divina, a vontade eterna das Escrituras. Degradado povo! Eterna vítima dos males imaginarios com que os idiotas e os charlatães vivem e se eternizam! E eis ali a razão porque, do dia para a noite, se viu a cidade repleta de feiteiros, magos, médiums e pantomimeiros de toda sorte que, nublados, num proselitismo furioso, por entre o resto do povo, que se tem podido defender do mal endêmico.

Ociosos será enumerar os infinitos males que ao povo em geral o espiritismo tem causado. A calamidade assumiu proporções assás grandes para que ninguém as ignore. O que tenho em vista, nas linhas que se seguem, é ser se esclareço sobre um ponto importante desta questão—os phenomenos chamados espiritas—aqueles dos leitores que, por desventura, se acharem contagiados do terrível mal.

Naturalmente, os atuais "phenomenos espiritas" e a causa que o espiritismo lhe attribue, são o que mais comove e prende o incauto que a elles assiste; entretanto, mais antigos do que a historia e tão velhos como a humanidade, esses phenomenos, longe de estarem presos a teoria espirita não produzem por causas absolutamente racionais e têm explicação muito mais racional que a que elles lhes dão. Ao dizermos, porém, que ha phenomenos verdadeiros e de explicação racional, é preciso acrescentar que, elles ainda não estão deciddidamente e scientificamente provados. E' de esperar, contudo, que elles se venham a esclarecer como a ciencia o exige; mas até lá, a quanto embuste se hade prestar essa materia! Para que esses phenomenos possam ser investigados, ha garancia de verdadeiros médiums, mas estes são tão extremamente raros!

Depois de tudo, essas investigações, não estão ao alcance de todos as fazerem. Com que elementos conto eu, por exemplo, ou qualquer individuo de medianos conhecimentos scientificos, para me por a matutar sobre assuntos de psicologia e fisiologia transcendental? Deciddidamente, eu e o que se acharem nas minhas condições, nada tem a fazer nesse problema. Quando os sábios, os homens do meior, os especialistas na coisa se encontram em desacordo e colhem tão poucos resultados das suas laboriosas investigações, não será uma insensatez, uma loucura, por-se um individuo qualquer, sem preparo nenhum, a querer tomar-lhes a dianteira?

O grande mal do espiritismo está justamente em ter, de espalhado por entre o povo as suas absurdas noções. Um assunto da natureza dos phenomenos psiquicos occultos, como lhe chama Cosse, não devia ser apresentado ao povo sinão quando se possede a companhia de uma explicação científica e racional; explicação esta que no pé em que a questão se encontra é absolutamente impossivel. E o occultismo, fundado por Papus, se nada mais possuísse que o tornasse superior ao espiritismo, bastar-lhe-ia o fato de conservar esotericamente essas questões, para lhe dar prioridade.

Em summa: depois da cabal negação que da teoria espirita fez o occultismo; e depois de que a ciencia positiva, ao investigar os phenomenos repelli e desmentiu tão patentemente a teoria dos discipulos do Nazareno, podem todos esses possuidos e maniacos que para ali se estafaram a propagar com santas intenções e boa fé os absurdos espiritas; podem todos não poderem ter, só podem causar mal ao povo. Quantas e quantas familias e homens não tem sido arruinados por essas incongruências! E' mais humilde e mais sensato negar-las em absoluto; dizer ao povo que tudo do espiritismo é charlatanismo e embuste, do que estabelecer entre gente que tem de occupar toda sua actividade na conquista do pão, os paradoxos e a confusão que a análise e investigação dessa materia não pôde deixar de produzir.

Oscar Wilde.

Portanto: a largar ao longe! semelhante balbúrdia entre nós, trabalhadores, que não temos preparo nem tempo para especulações philosophicas. Deixemos a solução dessa coisa lá aos sábios, aos especialistas, aos da sciencia positiva, que lá della tomaram conta: os Lombroso, os Kropk, os Gibier, etc, e quando elles nos puzerem a coisa em pratos limpos, então falaremos! Mas até lá: a largar ao longe os "phenomenos psiquicos"...

Carrard Auban.

A concepção cristã de Deus—Deus, o Deus dos doentes, Deus, a aranha, Deus, o espirito—é uma das mais divinas as mais corrompidas que foram realidades na terra. Ela está talvez ao mais baixo nível da evolução descendente do tipo divino: Deus degenerado até fôr com contradicção com a ideia de Deus, de sua gloriificação e a eterna afirmação! Declarar guerra, em nome de Deus, a vida, a natureza, a vontade de viver! Deus, a formula para todos as calunias do aquém e para todos as maldades do além! O nada dividido em Deus, a vontade do nada santificada... A vida acabou onde começa o reino de Deus... Nietzsche.

OS POBRES

E' vulgar dizer-se que os pobres são agradecidos, quando os socorrem. Pode ser que alguns o sejam, mas os mais intelligentes não. São ingratos, descontentes, insubmissos, rebeldes. E' tem razão para todos. Compreendem que a vida não é mais que um meio vil e miserável de restituição, ou, quando muito, uma pratica sentimental, a miúdo acompanhada de impertinentes perguntas sobre a vida particular.

Não de ser agradecidos pelas migalhas que caem da mesa dos ricos? Se eles entram a perceber que o mais natural é sentarem-se a ela... Só os estúpidos suportarão, com ar satisfeito, uma tal vida de privações. E se são insubmissos e rebeldes, nada mais natural: a rebeldia é uma virtude primordial aos olhos de quem estude a historia. Só pela desobediencia e rebeldia se têm realizados todos os progressos.

Recomenda-se aos pobres que sejam economicos. Mas recomendar-lhes economia, é ser a um tempo insolente e grotesco: é como se dissessemos ao fante:—Homem, convinha que fosses um pouco mais sobrio.

Se os operarios das cidades e os das povoações rurais economicassem, equivaleria isso a reconhecerem que podem contentar-se com uma insufficiente alimentação. E o seu dever é oporem-se a tal misnistrabilidade.

Um pobre ingrato, indolente e rebelde é um homem logico. Ao menos mostra valor pessoal. E em todo o caso é um protesto permanente. Quanto ao pobre virtuoso, compadecemos-nos d'ele, mas não o admiramos. Transigiu com o inimigo e vendeu o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. E' um ser incompleto.

